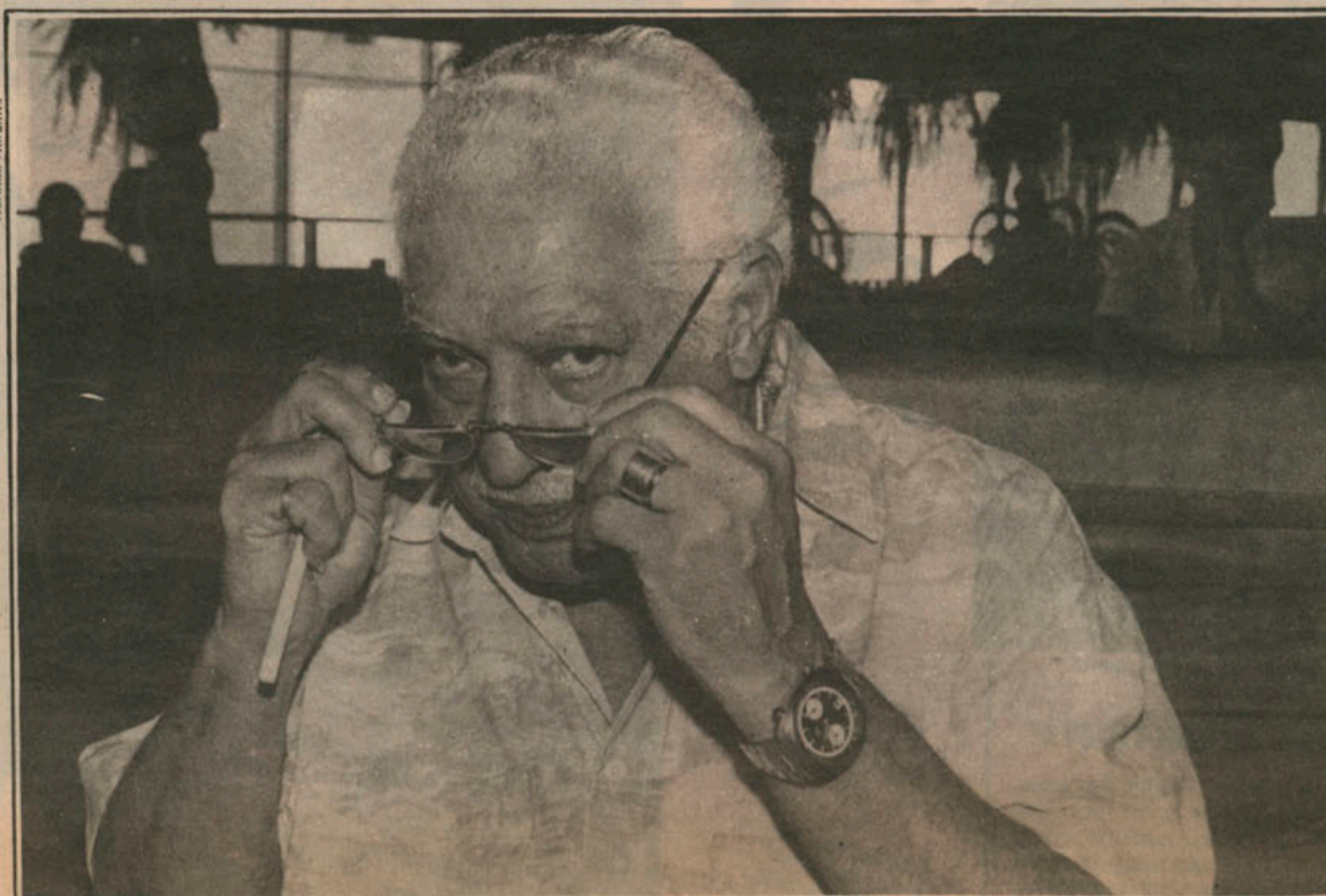


# REVISTA

SUPLEMENTO CULTURAL DO JORNAL DA BAHIA NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Salvador, Domingo e Segunda-Feira, 15 e 16 de Novembro de 1987



Haroldo Abrantes

## CAYMMI

### Pai, amigo, poeta

O VELHO DORIVAL ESTÁ NA TERRA. COM ELE, OS FILHOS (LEGÍTIMOS), DORI, DANILO E NANA. E AS INDISPENSÁVEIS MUSAS: DORA, MARINA, MÃE MENININHA, ANÁLIA, ADALGISA... CAYMMI, AOS 73 ANOS, CONTINUA O MESMO. BOM DE PROSA, UM PAI BONACHÃO E AMIGO. UM ARTISTA SONHADOR: QUER SEMPRE FAZER UM TRABALHO QUE RESPEITE O POVO, QUE NÃO AGRIDA A CULTURA POPULAR.

NESSA ENTREVISTA À REVISTA, ELE FALA COM DESCONFIANÇA DOS DISCOS DE OURO E COM TERNURA DOS NETOS E DA BISNETA, MARINA.

PÁGINAS 8 E 9



# O poderoso (e terno) chefão



Depois de uma temporada no Scala, no Rio de Janeiro, a família Caymmi — Dorival, Dori, Nana e Danilo — chega a Salvador para uma única apresentação no TCA, no dia 15 de novembro. Aqui, eles apresentam o mesmo espetáculo que encantou o público e a crítica do Sul do País, quando permaneceu, durante 5 semanas, no mais absoluto sucesso. “A crítica chegou a fazer poemas sobre o show”, conta Dori. Mas, em meio a todo o oba-oba, os Caymmi até questionam todos estes confetes, a maioria em tom patriótico, do tipo Caymmi-é-Brasil. Mas, ao mesmo tempo, admitem a força do espetáculo que, além dos velhos sucessos, mostra três músicas novas de Dorival, uma figura incrível, cheia de vitalidade que, aos 73 anos, funciona como um fator de união familiar e que fala com desconfiança de discos de ouro, com ternura dos netos e da bisneta Marina, e, da Bahia, com um olhar distante, de onde a saudade inevitavelmente se denuncia.

## Luis Lasserré

No ano que vem, Dorival Caymmi estará comemorando 50 anos de carreira. Uma longa trajetória, onde ele traçou e eternizou em canções sua terra, o mar de sua terra, a gente e a crença de sua terra, mas de uma forma tranquila, como ele é, longe das manipulações de mercado, dos shows apoteóticos. Suavemente, Caymmi inscreveu seu nome na história cultural brasileira, deixando um legado que, além das canções, verdadeiro patrimônio nacional, inclui pessoas: seus filhos Dori, Nana e Danilo, que, mais que o sobrenome, trazem consigo a musicalidade do pai, um dom ímpar que os mantém como alguns dos mais respeitados nomes da MBP, mas que, como o próprio Dorival, permanecem sempre a um nível mais intelectual sem uma exploração excessivamente comercial deste dom.

Porém, este lado intelectual está mais presente na carreira dos filhos do que na do pai, pois, em se tratando de conteúdo, nada mais popular do que a obra de Caymmi, desde que pegou um Ita no norte, passou nas pontes coloniais do Recife, cantou pescarias paisagens e o mar da Bahia, sua grande paixão. E, ao recordar a sua velha Bahia, uma inevitável saudade pode ser percebida no olhar perdido no tempo, um olhar que combina poeticamente com os seus cabelos brancos. Com bom humor, ele recorda o bairro em que morou e que até hoje guarda a fama de ter tido tão ilustre morador, o bairro do Rio Vermelho.

“Fomos morar em uma casa linda, no alto do Morro da Seréia, com o mar aos nossos pés. O morro não tinha nada e nós ajuntamos o local, colocando esgto, limpando a área e criando um local muito agradável para se morar”, conta Caymmi. Mas, nem tão ilustre morador foi capaz de evitar que um enorme prédio fosse erguido ao lado, tirando toda

a privacidade do Morro, levando o asfalto para o local e acabando com a paz do lugar. “E ainda tiveram a cara de pau de utilizar o nome que eu tinha resgatado: Pedra da Seréia”. E aí não deu outra, Caymmi e sua família preferiram sair do local e foram morar na Pituba, em um apartamento, não tardando muito a transferência para o Rio de Janeiro, definitivamente.

Mas Caymmi já tinha uma relação forte também com o

## Adalgisa, a musa mais nova do poeta

Rio de Janeiro, afinal de contas todos os filhos nasceram lá, em função dos interesses que tinha no sul do país, devido à sua carreira e, se hoje em dia ainda é difícil ter uma carreira artística longe do sul maranhense, imaginem há 30, 40 anos. Morar no Morro da Seréia foi a sua última tentativa de permanecer por aqui, nos anos 60 e início dos anos 70, mas a valorização da área (talvez pela própria presença dos Caymmi) não poupou o lugar e hoje ele mora no Rio, um pouco afastado do mar, seu velho amigo e irmão.

Com relação a sua música, Caymmi tem uma grande preocupação com o público, sempre realçando a necessidade de se respeitar o povo, fazendo um trabalho que não manipule, que não agrida a cultura popular. E, como vivemos em uma estrutura de consumo desenfreado, onde a música é um dos filhos mais explorados pelo capitalismo, as idéias do velho Dorival podem parecer meio utópicas, mas nada mais são do que um espelho dos valores de um artista que nunca aceitou que sua arte fosse vendida como um produto qualquer, e que se recusa a aceitar o poder de coerção dos meios de comunicação, apesar de admitir que, fora deste es-

quemão, é muito difícil ao artista conseguir qualquer prejeção.

“Não sou explorador do povo, sou encantador do povo”, Bombardeia ele. “Eu vejo os empresários e os artistas armarem espetáculos, gravarem discos sem fazer um pergunta que acho fundamental, e que eu faço agora: “Será que esta coisa que vocês vão fazer vai agradar o público?”. Esta é uma preocupação que ele não procura esconder, mas que considera uma opinião muito pessoal, um modo íntimo de ver as coisas, a partir dos valores que traz consigo, durante todos estes anos. “É tudo muito fácil. Você grava, depois vai no Chacrinha receber o disco de ouro, o de platina e o de aço... e pronto. Pra mim isto não é bom, eu não aconselho ninguém a jogar como eu, mas é o que eu penso”, diz ele.

Um outro lado que pouca gente conhece de Dorival Caymmi são as suas incursões ao mundo da pintura, mais uma linguagem utilizada para mostrar as coisas da sua terra, as pessoas simples da Bahia e suas atividades e crenças. Jangadas, pescadores, o mar, orixá e pessoas da terra, são os elementos que ganham vida quando Caymmi troca os acordes do seu violão pelos traços dos pincéis. E o resultado não é diferente: muita sen-

## Ele quer ser o “encantador” do povo brasileiro

sibilidade e precisão. Atualmente, ele não tem pintado muito, pois se queixa da falta de um local bem iluminado, pois só pinta à luz natural. Ele já realizou duas exposições, uma coletiva e uma individual, no Rio, em 74, quando os quadros foram rapidamente adquiridos por colecionadores. Dori

lembra que o pai é um ótimo retratista, já tendo feito retratos de grande perfeição, como um de Rubem Braga, que é uma bellissima obra de arte.

## Pintura, a outra paixão do artista

Mas, se por um lado Caymmi não pinta há algum tempo, o show que a família fará aqui em Salvador traz uma grata surpresa. São três músicas novas de Caymmi que, como não poderia deixar de ser, falam de temas ligados à Bahia. “A Mãe D’Água e a Menina”, uma canção sobre a religião afro-baiana, “Severo do Pão”, sobre uma tradicional figura baiana: o entregador de pão, e mais uma música para uma musa, “Adalgisa”. Junto com estas canções meia recentes, velhos sucessos, como Marina, Coqueiro de Itapoan, Dora e muitas outras canções. E é impressionante como a união da família transparece nitidamente quando eles estão se apresentando juntos. E foi esta união que deixou a crítica carioca em êxtase, exaltando o som dos Caymmi como um último sopro de brasilidade, postura que até incomoda, de certa forma, a família. “Fica aquela sensação de que estão utilizando-nos para extravasar um falso sentimento nacionalista e isto incomoda um pouco”, diz Dori.

E os filhos de Caymmi estão por aí, com suas carreiras a todo vapor. Dori é um dos arranjadores mais respeitados do Brasil e sua fama até atravessa as fronteiras. Recentemente ele fez os arranjos do novo disco de Sarah Vaughan, que fez questão de tê-lo como orquestrador. Nana faz dezenas de shows por todo o país e também no exterior. É o membro da família que grava mais regularmente, uma das intérpre-

tes mais importantes que o Brasil possui. Para nós baianos, ela tem dado o ar de sua graça constantemente, em apresentações nas entregas dos troféus para os melhores da música baiana, troféu que leva o nome da família, em uma homenagem justíssima ao seu pai. E, por último, Danilo. Ele atualmente é o diretor musical de ninguém mais ninguém menos que Tom Jobim, no show que ele apresenta no sul do país.

É neste clima que a família chega à Bahia, tendo à frente o genial Dorival. Este show, eles apresentam também em Recife e Belo Horizonte e depois encerram a temporada em São Paulo. Acabando as apresentações, Dorival retorna à tranquilidade de sua casa, ao lado da esposa Stelamaris, onde curte a presença constante dos netos, que são seis, a bisneta Marina, filha de Denise, neta de Nana. Fora da temporada

## Uma alegria: os seis netos e a bisneta, Marina

de verão vai a uma casa que possui em Rio das Ostras, um local perto da praia há duas horas do Rio de Janeiro. Mas, mesmo lá, ele viu a velha história do Rio Vermelho se repetir: com o estardalhaço feito pela Globo, falando do ilustre morador, a tranquilidade de antes já não existe e, no verão, é impossível para ele ficar tranquilamente curtindo a paz do lugar. Curiosos, os fãs arrojados não dão folga e até a construção de um gasoduto, que passa pelo local, são entraves que impedem o velho Dorival de viver a tranquilidade do mar, o mar que ele olha com carinho e saudade, talvez recordando um outro mar, o mar seu companheiro, que continua quebrando na praia, eterno, em suas canções.